

SACRIFICIO E AS FACES DO AMOR¹

“Uma nova chance para amar” (*The face of love*)

Marfiza Ramalho Reis

Quem jamais lamentou a perda, jamais saberá,
Os segredos que a tristeza revela,
As simpatias que humanizam,
A ternura que cura.

(Anônimo)

A passagem de uma etapa da vida a outra é uma imposição, e disso ninguém duvida. Não escolhemos e sim sofremos o movimento da vida. Nossa reflexão, neste trabalho, busca entender a importância da vivência de sacrifícios, assim como as nossas resistências ao mudar de um ciclo para outro. A palavra sacrifício vem do latim *sacrificium* (*sacer e ficium*). Nas antigas celebrações ritualísticas indo-europeia, significava o “ato de fazer/manifestar o sagrado”. Na língua portuguesa tem o sentido de “privação, voluntária ou forçada, de um bem ou de um direito”. Consideramos Jung² ao dizer que:

se negarmos à libido uma vida que avança num fluxo constante, que conhece e quer o perigo e o declínio final, então ela tomara outro rumo e descera às próprias profundezas, cavando seu caminho até à antiga ideia da imortalidade de toda vida, a nostalgia do renascimento.

Assim, fugir da vida não nos liberta da lei e das dores das perdas, mazelas, da lei do envelhecimento e da morte. A fixação em fases da juventude procurando livrar-se do que a vida impõe, impede a descoberta de conteúdo e de sentido da vida. O processo de individuação impõe perdas e ganhos e, para nos ajudar a falar a esse respeito ilustraremos com o filme *The face of love*, no Brasil *Uma nova chance para amar*, um drama dirigido por Arie Posin e como protagonistas Annette Bening e Ed Harris, lançado em 2013. Este filme nos fala sobre a dor do luto, da falta e da presença na

¹ Texto no livro **Etapas da família: quando a tela nos espelha**.

² JUNG, Carl. **Símbolos da transformação**. O.C. v. V. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.par.617

ausência. Nos mostra também como o processo de elaboração da dor implica na vivência de sacrifício, do não fixar o olhar a uma das faces do amor.

Nessa película, após trinta anos de um casamento bem sucedido e com uma filha, a morte chega para ceifar a paixão do casal. Nikki fica devastada após a morte do marido por afogamento. Convivendo com o sofrimento, ela leva adiante sua carreira de sucesso como decoradora de imóveis prestes a serem vendidos. No entanto, por acaso, se vê diante de um homem parecidíssimo com seu grande amor falecido, e, impressionada com a semelhança, decide segui-lo. Descobre, então, que esse homem é o Tom, um professor de artes. Ela o contrata como professor particular de pintura para tê-lo sempre por perto. Vendo a imagem do marido estampada no rosto de Tom, se apaixona por ele e o romance acontece.

Considerando o título dado em português - “Uma nova chance para amar”- questionamos: Ama-se apenas uma vez? Será possível reviver um grande amor? Uma segunda chance no sentido da repetição? As projeções não elaboradas buscam essa repetição? Essas questões norteiam nossas reflexões a respeito do luto relacionado tanto à perda de pessoas queridas, quanto às mudanças de etapas na vida.

Como nos programas de TV fomos à “rua” -Internet- sem considerar a autoria - fazer essa enquete, e selecionamos algumas preciosidades – sabedoria popular, que aqui colocaríamos uma interrogação. Entretanto, vale as reflexões:

“dar uma nova chance é acreditar no amor que você tem dentro de si”.

“Sempre há outra chance,
um outro amor.
Para todo fim, um recomeço”.

“O mesmo tempo que nunca volta vez por outra dá-nos duas chances”.

“O amor não merece uma nova chance, ele merece todas.”

“As oportunidades não abundam, e raramente as encontramos uma segunda vez.”

“Segundas chances, não mudam ninguém.”

“A vida, você só vive uma vez, por isso viva plenamente, pois não lhe caberá uma segunda chance”.

“Aproveite a primeira tentativa, pois só terá uma chance, na segunda vez não será tão bom e perfeito como a primeira.”

“A vida quase nunca te dá uma segunda chance mas se ela der, aproveite!”

Será que o filme nos fala em uma segunda chance ou em se abrir para outras faces do amor?

No início assistimos Nikki tomada por lembranças, num estado apático e desvitalizado, como acontece em situações de luto recente. Parece o tempo da “presença na ausência”, as fotos e os objetos trazem recordações. É muito expressivo que na data da comemoração dos trinta anos de casados ele lhe presenteara com um colar, o que para ela parecia representar uma corrente da união. A morte dele aconteceu no México onde estavam para tal celebração.

“As lágrimas vem aos olhos para que a dor transborde”. escreveu Cecilia Meireles, e a depressão, nos ensinou Jung, deve ser considerada como um fenômeno de compensação inconsciente, cujo conteúdo, para alcançar eficiência plena, deveria tornar-se consciente. O sentido da depressão é integrar ao consciente as “reminiscências animadas”. Isto pode ser feito se, se acompanhar a tendência depressiva e regredir conscientemente. Lágrimas e o estado melancólico, quando perdemos uma pessoa amada, fazem parte desse tempo do luto. Em *Você não me ensinou a te esquecer*, diz Caetano:

Agora, que faço eu da vida sem você?
Você não me ensinou a te esquecer
Você só me ensinou a te querer
E te querendo eu vou tentando te encontrar
Vou me perdendo
Buscando em outros braços seus abraços
Perdido no vazio de outros passos
Do abismo em que você se retirou
E me atirou e me deixou aqui sozinho

Você só me ensinou a te querer
E te querendo eu vou tentando *me* encontrar

Reflexões sobre a paixão e a projeção

Após cinco anos lidando com as dores do luto, a Nikki decide voltar aos lugares que lhe trazem fortes lembranças do passado com o marido. Seu comportamento nos mostra que ela ainda convive com o fantasma do falecido. E nesse estado meio apático e nebuloso vê um homem à imagem do marido e por ele se apaixona.

Vamos tentar entender um pouco como isso acontece. De acordo com Carotenudo,³ o estado de enamoramento é caracterizado, pela ruptura violenta do próprio núcleo defensivo narcisista. O sujeito é arrancado da sua solidão para tornar a estar em contato com aspectos vitais de si mesmo, até então removidos. A condição amorosa dispõe o indivíduo a uma nova e mais ampla participação psíquica. Não é de surpreender que a paixão não tenha sido reconhecida como uma base necessária ou suficiente para o casamento.

Sempre questionamos por que fomos atraídos um pelo outro naquele espaço e tempo particular. O que tornou aquela tarde ou noite mais encantadora que outras? Alguma mágica naquele primeiro olhar? Alguma mágica no ar? Estávamos inconscientemente procurando um pelo outro?

“Pronto para apaixonar-se” e “ver a imagem do amor no outro” são as frases chaves, de acordo com Desteian⁴. Ele quer, com isso, dizer que, alguém se apaixona quando está num estado psíquico de prontidão para apaixonar-se. A psique, num estado receptivo, não é um estado especialmente ativo, mas um estado de apatia, indiferença, tornando o indivíduo um pouco deprimido, pouco entusiasmado pelas coisas; há um rebaixamento de consciência. É nesse estado improdutivo, estagnado, que mais nos tornamos vulneráveis a nos apaixonarmos pela pessoa que mais se aproxima do nosso inconsciente “ideal de amor”. É o devaneio que, segundo Bachelard⁵, é uma força ativa no destino dos seres que querem unir sua vida por um amor em crescimento. Sorte estarmos no lugar e tempo certos para encontrar esta determinada pessoa. Esse estado pode ser o prelúdio de um intenso período criativo em nossas vidas.

Esse fascínio é um fenômeno de relação para o qual são necessárias duas pessoas, nunca partindo exclusivamente de uma pessoa para outra, uma vez que a pessoa fascinada precisa ter em si uma disposição correspondente. Mas esta disposição tem que ser inconsciente porque, se assim não for, não se produz o efeito fascinador. O fascínio, de acordo com Jung⁶ é um fenômeno compulsivo, desprovido de motivação consciente, isto é, não é um processo volitivo, mas um fenômeno que surge do inconsciente e se impõe à consciência, compulsivamente.

³ CAROTENUDO, Aldo. **Eros e phatos - amor e sofrimento**. São Paulo: Paulus, 1994.

⁴DESTEIAN, John. **Coming together-coming apart**. Boston: Sigo Press, 1989 p. 15.

⁵BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁶JUNG, Carl. **Individuação. O. C.VII.** Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

Nosso protagonista, o Tom, apresentava a disponibilidade necessária para ser capturado por uma pessoa ativa, capaz de retirá-lo da melancolia de uma separação conjugal de dez anos e a convivência com uma doença terminal que mantinha em segredo.

Apaixonar-se é uma das experiências mais estimulantes. Coloca o indivíduo em contato com símbolos poderosíssimos, que mobilizam a personalidade e indiscriminam a consciência. Vivenciam-se confusões e atuações importantes para o desenvolvimento da personalidade que, segundo Sanford⁷, é o coração cumprindo sua função de ampliar a personalidade.

O processo de apaixonamento é o mesmo para todos nós; acontece com todos porque respondemos ao enredo romântico de forma similar - é universal. Uma das razões de ser tão maravilhoso apaixonar-se é que não escolhemos ter essa experiência. É algo que nos acontece, e nem podemos escolher por quem nos apaixonar, não há fórmulas ou regras. Para explorarmos essa questão, temos de olhar para dentro de nós mesmos.

É um complicado processo interno. Apaixonamo-nos por uma determinada pessoa (ou a imagem de uma pessoa) em um tempo particular devido ao estado da nossa psique e o despertar da nossa *anima/animus*⁸ por aquela pessoa. Esse despertar nos conduz à projeção da *anima-animus* para aquela pessoa. A projeção induz a uma condição psicológica e fisiológica em que todos os integrantes estão envolvidos. Nenhuma mulher pensaria em se apaixonar por um bandido convicto, mas vemos tais acontecimentos nos jornais e nos nossos consultórios. O que elas veem nesses homens? Não o criminoso que cometeu crimes, mas traços de personalidade que anunciam o conteúdo psíquico de cada mulher sobre o homem que elas podem amar. São atos que a paixão pode fazer.

A projeção evoca uma reação física e psíquica que inunda a consciência com conteúdos inconscientes, ocorrendo então um rebaixamento da consciência e o enfraquecimento das defesas. A função desse rebaixamento é permitir a integração de conteúdos que são da nossa natureza, mas que, por uma razão ou outra têm sido

⁷SANFORD, John. **Os parceiros invisíveis**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987

⁸ O conceito do arquétipo *anima/animus* tem várias definições em Jung. A literatura da Psicologia analítica enfatiza principalmente o aspecto contra-sexual. De acordo com Jung(1928) [...]o *animus* é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem. A *anima* pode ser definida como a imagem, o arquétipo ou o depósito de todas as experiências do homem com a mulher". Em seus últimos trabalhos ele considera *anima/animus* juntos, exemplos da imagem arquetípica do divino par unido, a *sizigia*.

reprimidos. E, como escreveu Bachelard⁹, “nos segredos dos devaneios solitários, animam-se, assim, não sombras, mas clarões que iluminam a aurora de um amor”.

A paixão pode ser o começo de uma relação duradoura ou de uma temporária chama que esfria tão rapidamente como iniciou, mas, a princípio, os apaixonados estão prontos para desistir de tudo pelo outro. A paixão se manifesta numa variedade de comportamentos que vai desde os convencionais até os mais bizarros, mas conduzidos por forças das quais os envolvidos não têm controle consciente. Na paixão, o ego é possuído pelo arquétipo - conteúdos universais e inconscientes - em todas as pessoas. As diferentes vivências decorrem das primeiras influências em nossas vidas; tanto do ambiente no qual crescemos, como do desenvolvimento psicológico e cognitivo. Sentimentos verdadeiros como tristeza, frustração, dor e alegria predominam durante a paixão.

Os apaixonados sentem a necessidade de passar horas lembrando o passado; lembranças agradáveis e desagradáveis são reativadas. Histórias pessoais, desejos, gostos, objetivos, amigos e familiares têm maior significado quando os casais falam sobre eles e começam o processo de cada um trazer o outro para a própria vida. Nikki e Tom, no entanto, bloquearam esse desejo, viviam uma paixão em que segredos limitavam suas vivências. Ela evita que os amigos o vejam num esforço para evitar qualquer evento destrutivo, assim como ele omite sua doença incurável.

Na paixão, “não se vive sem o outro”, e assim, as polaridades vida e morte ficam muito ativadas, e a sensação de perda e morte é muito frequente. A morte - simbólica - é um tema muito recorrente nos sonhos e fantasias dos que estão fascinados, apaixonados. A paixão evoca a sensação de morte não só física, mas também inúmeras mortes psíquicas. É um prelúdio para transformações na personalidade.

Atrair (flechar) o outro é ao mesmo tempo tocar uma parte de si mesmo. Na paixão, relacionamo-nos só com os nossos traços projetados. Assim, surgem as grandes paixões e ódios. A pessoa que carrega a imagem projetada é, ou supervalorizada, ou subvalorizada, pois a realidade do outro fica mascarada, obscurecida. Quem recebe a projeção passa a ter muito poder sobre o outro, e também a gozar de um sentimento de força, sentindo-se valorizado, lisonjeado e amado. Passa a ser o portador da alma de outra pessoa, o salvador e guia espiritual. Todos nós já ouvimos que “a alma de um amante vive no corpo de outra pessoa”.

⁹ Ibidem / Ibid p. 74.

Um dos problemas é que os sentimentos e traços da sombra, enquanto estão projetados, são impossíveis de serem integrados, sendo necessário que a pessoa amada permaneça desconhecida para mantermos a paixão. Os conflitos surgem quando a demanda interna, o impulso para a individuação, difere da imagem projetada, criando então, uma dissonância na percepção.

Tanto para Tom quanto para Nikki a paixão traz vitalidade, ele volta a pintar retomando sua arte abandonada há dez anos e ela trabalha com mais vigor. Entretanto, o chama de Garret algumas vezes, mostrando assim sua confusão. Um certo dia sua filha chega de surpresa e, apesar do seu discurso de que a mãe deveria retomar sua vida amorosa, ao se confrontar com o Tom se descontrola e o rechaça. Nikki diz à filha que precisa dele e o chama de Garret. Ele, então, compreende seu lugar, atende à jovem e vai embora. Esses conflitos nas famílias são frequentes, ou seja, a ideia de que a mãe ou o pai deve retomar sua vida amorosa nem sempre é bem aceita. Os filhos também precisam elaborar o luto para abrir espaço e receber outro parceiro para a mãe ou o pai. A dinâmica da família muda quando são forçados a viver uma nova etapa. São tempos de transformação no sistema familiar, novo ritmo nas relações se impõe.

Nossa protagonista parece ligada às projeções que a paixão evoca, no grande abraço familiar em que separação não tem espaço, como no estado de enamoramento. Para que ela pudesse assumir uma nova etapa, o estado de viúva, seria preciso realizar a morte – vivencia de sacrifício. A compreensão da morte é que nos conduz ao desapego.

O drama nos mostra que, é preciso aceitar a perda para ter uma nova chance de ser feliz, viver com recordações e não com fantasmas. Ela o convida para ir ao México, onde esteve pela última vez com o Garret. Hospedam no mesmo hotel e lá chegando ela diz: “Você quer ir pescar? Você sempre quis”. “Esse não era eu”, diz Tom. “Você vinha sempre aqui com seu marido?”- “Com toda a família”- “Ele morreu aqui?” - “Sim!” - “O que estamos fazendo?” - “Criando novas memórias”.

Nikki parece confusa, criar novas memórias como se pudesse apagar o passado. Ela parece se recusar a sacrificar uma etapa para se abrir ao novo. Não compreendeu ainda que para o Garret ficar em suas lembranças precisaria perdê-lo, desapegar-se daquela etapa de sua vida. Tom compreende os acontecimentos ao encontrar num painel de fotos, uma do Garret com a Nikki. Naquele instante, ele percebe a semelhança física entre eles. Ao mostrar a foto, ela se descontrola e corre pela praia pulando no mar à busca do Garret. Psicologicamente representa o confronto com seu luto, vai ao escuro de si mesma viver a dor. É, então, socorrida pelo Tom. Raiva e dor se misturam como

se estivesse, pela primeira vez, realizando a perda do seu grande amor. Olha para Tom e diz: “Por que você me abandonou Garret? Naquele momento ela pode chorar o passado, viver o luto e o presente. Assim, surge a possibilidade de realizar mudanças em sua vida.

Em casa juntos, na cama, ela o chama de Tom e ele diz ter sido a primeira vez que ouve seu nome e, então, pergunta; “você me amou?” - “Eu te amo” disse ela chorando. A projeção se resolvera, já não precisava mais do outro como “cabide”, sabia quem ele era. Em inúmeros casos a paixão vai junto com as projeções. O que parece ter acontecido com a Nikki e com o Tom.

Amor, dor e individuação

A cena seguinte acontece um ano depois. Entre a correspondência, para surpresa da Nikki, um convite para a mostra póstuma do Tom. Não sabia do seu falecimento mas esse parece ter sido um luto diferente. Ela vai ao evento e lá encontra um quadro em que ela aparece dentro da sua piscina e ao lado, o rosto dos dois homens - as duas faces. Essa piscina não fora usada, por ela, desde a morte do marido.

A cena final mostra ela mergulhando em sua piscina com alegria, nos indicando ter introjetado as faces do amor, aceitando a nova etapa da vida. O amor tem muitas faces e nos parece que a separação ou a morte, não elimina uma das faces. O quadro deixado por Tom pode ser um representante de que a Nikki viveu faces diferentes do amor. Isso pode significar que, compreender o sentido da dor é não se ater nela mas perceber sua correspondência com o vigor vivido, o sentido daquele amor no próprio caminho de individuação. Fixar o olhar só no passado leva à regressão e tira a alegria de viver. Considerar a dor e olhar para o estado depressivo, desvitalizado e, visitar o passado como um alento do “eu vivi”, “eu tive”, entretanto, tudo passa, permite a vivência de sacrifício. Viver o luto, a dor da perda que pode tanto ser de uma pessoa querida quanto de uma fase da vida é um desafio que exige coragem. Essas mortes não podem ser negadas e vividas como um segredo. Se não fugirmos da vida e, ativando nosso herói interno –nossa força e coragem- para vivenciarmos as varias etapas, saberemos o que é sacrifício. Esse é um tempo de “Metanoia familiar”¹⁰, de grandes mudanças e profundas transformações.

¹⁰REIS, Marfiza. Metanóia Familiar. **Junguiana**. n.11. p.66-73. 1993.

Podemos concluir que nossa protagonista elaborou seu luto. A última imagem dela na piscina, nos mostra uma mulher feliz, sorrindo e com vigor, mergulhando sozinha; integrada à água da sua casa, aos seus afetos. Aqui lembramos Adélia Prado ao dizer: “Erótica é a alma que aceita suas dores, atravessa seu deserto e ama sem pudores”.

Isso só acontece quando aceitamos a morte, pois o desapego é o caminho para renascer. No entanto, essa é sempre uma experiência solitária mas que reverbera na dinâmica familiar. Cada mudança de etapas representa uma morte, pois somos obrigados a desistir de comportamentos nos quais estávamos muito apegados. Todos os ciclos de vida, tanto pessoal quanto familiar apresentam um começo, um meio e um fim.

Não se pode pensar em caminho de individuação, diferenciação, individualidade, enfim, tornar-se si-mesmo, sem aceitar a própria solidão. Talvez seja esse o preço dessa conquista: lutas e solidão. A plenitude da vida, diz Jung, tem normas e não as tem, é racional e irracional. Otavio Paz¹¹ em “O labirinto da solidão” sintetiza ao dizer: “O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão”.

Se, como observou Jung, individuação não é perfeição, mas o ser completo, então nessa completude está inserida a privação e a falta. Assim, a compreensão de termos de conviver com a falta nos lembra a nossa humanidade e finitude. Essa solidão nos remete à impossibilidade de compartilhar certas vivências, sentimentos, intuições, sonhos e tantas emoções que expressam a nossa singularidade. O processo de individuação impõe perdas, e é de uma imposição tão grande que o primeiro mito de criação que aprendemos é o da perda do paraíso quando a maçã é comida. A saída do paraíso, simbolicamente da inconsciência infantil é um problema que muitos crescem, ficam velhos e se recusam a vivenciar. De acordo com Otavio Paz¹², “viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundidade última da condição humana”.

Carotenudo¹³ ressalta que: “a única coisa que podemos autenticamente nos reconhecer é a nossa individualidade psíquica que cria a realidade do amor”. Dizem que o dom dos poetas consiste em aceitar na vida e em si mesmo a contradição. Talvez por isso sejam

¹¹ PAZ, Otavio. **O labirinto da solidão**. Paz e Terra.1992. p 175.

¹² Ibidem, p. 175.

¹³ Ibidem / Ibid

os que melhor sabem falar do amor. Mas eles também nos mostram a impossibilidade de se resolver os problemas do amor adotando princípios gerais. Se existir uma solução, talvez seja única, de indivíduo para indivíduo. No entanto, como sugere *Fedro* (Platão), o tema do amor, apesar de permanentemente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre à possibilidade de novas variações. Recorremos então, ao compositor Renato Russo que, tão bem, expressou a natureza paradoxal do amor na música *Monte Castelo*, uma adaptação do “Coríntios 13” e “Soneto II” de Luiz de Camões.

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E eu falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria

É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E eu falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor
É um ter com quem nos mata lealdade
Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem,
Todos dormem, todos dormem
Agora vejo em parte
Mas então veremos face a face

É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
Ainda que eu falasse a língua dos homens
E eu falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAROTENUDO, Aldo. Eros e phatos - amor e sofrimento. São Paulo: Paulus, 1994.

DESTEIAN, John. Coming together-coming apart. Boston: Sigo Press, 1989.

JUNG, Carl Símbolos da transformação.O.C.v.V. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

----- Individuação. *O. C.VII.*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

REIS, Marfiza Metanóia Familiar. *Junguiana*. n.11. p.66-73. 1993.

SANFORD, John. Os parceiros invisíveis. São Paulo: Edições Paulinas, 1987

PAZ, Otavio. O labirinto da solidão. Paz e Terra.1992.